



SOBRE A SOLIDÃO E O ESTAR A SÓS: UM DIÁLOGO ENTRE HANNAH ARENDT E ÉPICTETO

Eduardo Morello¹

I

Imaginemos um diálogo entre Hannah Arendt e Epicteto. Embora tal diálogo seja ficcional, pois ambos estão separados por séculos, ele é em certa medida real, uma vez que Arendt fora uma leitora de Epicteto, ora de acordo com ele, ora em desacordo. Sob o pano de fundo real, o fio da tradição se romperá, o que significa que não se pode mais contar com nenhum guia a conduzir tranquilamente aos vastos domínios do passado. É nesse contexto de ruptura, que Arendt estabeleceu um diálogo com Epicteto, ou seja, ele fora lido como se nunca alguém o tivesse lido antes. Esse diálogo aconteceu no âmbito do pensamento, o qual, por sua vez, significa o diálogo silencioso consigo mesmo, que se inicia quando se está a sós consigo mesmo. Pois, no estar a sós, se realiza a atividade de pensamento, em que não sou mais um, mas dois-em-um. E, apesar de não mais estar na companhia de outros, não estar mais entre homens, estou em minha própria companhia, sou um e o outro. Ademais, ao pensar levo em consideração não apenas a mim mesmo, mas também o pensamento de outros. Nesse sentido, o pensamento torna presente o que está ausente aos sentidos. Assim, Arendt quando lera os textos de Epicteto, tornara-o presente em seu pensamento, de modo que andara em sua companhia e dialogando com ele. Por fim, o diálogo entre eles, aconteceu a algum tempo, em uma época em que a solidão tornava-se cada vez mais crescente no cotidiano das massas, as quais foram levadas a uma solidão organizada pelos regimes totalitários. Eis o diálogo.

¹ Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Bolsista CAPES. Contato: prof.morelloedu@gmail.com

II

Arendt: amigo Epicteto, ao ler o seu *Discourses*, em particular o Livro III, capítulo XIII, deparei-me com uma questão: qual o significado da solidão de que os homens parecem sofrer em nosso tempo? E que tipo de pessoa é o homem solitário?

Epicteto: amiga Arendt, se leres com atenção e paciência, o que escrevi em época longínqua, podes perceber que considero o homem solitário, aquele que se vê desamparado e abandonado da ajuda de outros. Mas estar só não significa o mesmo. Zeus, por exemplo, na conflagração do mundo, estava só consigo mesmo, ou seja, bastava a si mesmo e convivia consigo mesmo. Pode-se, então, alguns objetar-me dizendo de que o homem é por natureza sociável. Eles afirmam a existência de um princípio natural, o da comunidade natural de interesse entre os homens, o afeto mútuo e a alegria de comunicar-se. Ora, eu posso estar a sós em meio à multidão, sem ter a necessidade de outras pessoas. (Cf. EPICTETO, 1952, p. 87).

Arendt: entendo o que queres dizer. Contudo, a solidão que assola o homem das massas não apenas significa estar desamparado e abandonado da companhia de outros homens, mas da própria companhia. Por outro lado, concordo contigo, no estar a sós, em que se pode estar na própria companhia, e, em razão disso, posso realizar a atividade de pensamento. No pensar, enquanto diálogo silencioso comigo mesmo, onde deixo de ser um para ser dois-em-um, estou em minha própria companhia e, portanto, não estou solitária. Mas, se quero permanecer constantemente no estar a sós, logo me torno solitária, tal como os filósofos em geral. Eis o perigo da solidão, em que não só se perde a companhia de outros, mas também a própria companhia. Em outras palavras,

o que torna a solidão tão insuportável é a perda do próprio eu, que pode realizar-se quando está a sós, mas cuja identidade só é confirmada pela companhia confiante e fidedigna dos meus iguais. Nessa situação, o homem perde a confiança em si mesmo como parceiro dos próprios pensamentos, e perde aquela confiança elementar no mundo que é necessária para que se possam ter quaisquer experiências. O eu e o mundo, a capacidade de pensar e sentir, perdem-se ao mesmo tempo. (ARENDR, 2012, p. 637).

Ora, pelo que entendo Epicteto, tu pareces insistir no fato de que o homem basta a si mesmo e não necessita da companhia de outros. Todavia, lhe pergunto: é possível viver

sem a companhia de outros homens, correndo risco de perder a si mesmo e o contato com o mundo?

Epicteto: Pois bem Arendt, quando me refiro à solidão não significa a perda de contato com o mundo, senão de não ser ajudado por meus semelhantes e estar sujeito a quem quer me prejudicar. Nesse sentido, os homens não necessitam de outros, pois posso dialogar comigo mesmo, segundo a razão divina.

Arendt: Epicteto compreendo no que se refere ao estar a sós, contudo, discordo em relação a como defines o homem solitário, pois, para mim, ele não apenas está desacompanhado de outros, mas também da própria companhia. No caso de estar desacompanhado de outros, torna o homem solitário impotente. Ou seja, ele perde a capacidade de agir e de falar com outros homens. Tal impotência é própria no âmbito das tiranias. Mas, quando me refiro à solidão, enquanto uma experiência humana básica, considero que um evento recente, os regimes totalitários do século XX, fizeram com que os homens perdessem o contato uns com os outros, por meio do terror, assim como o contato com a realidade e consigo mesmo, através da ideologia. Esses regimes tornaram possível a “solidão organizada” capaz de devastar o mundo (ARENDR, 2012, p. 639). Nesse sentido, tal como tu Epicteto, distingo o estado de solitário do estar a sós. Todavia, como falara anteriormente, o estar a sós quase permanentemente nos conduz à solidão, destruindo a relação com os outros, comigo mesmo e com o mundo, sendo assim o terreno fértil para os regimes totalitários.

Epicteto: Ora Arendt, a solidão como defines parece se aproximar em muito ao encontrar-se abandonado por todos e tudo. Entretanto, mesmo nesse completo abandono, ainda assim estou comigo mesmo e, portanto, posso conviver comigo, sem com isso necessitar de outros. Esse estar só me conduz à interioridade, e, ao que prezo como liberdade interior, a qual podemos tratar num momento posterior. Despeço-me agora, amiga Arendt.

Referências

ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENDET, Hannah. *A promessa da política*. Organização e introdução de Jerome Kohn; Trad. Pedro Jorgensen Jr. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

EPICTETUS. *The discourses as reported by Arrian, the manual, and fragments*. Trad. W. A. Oldfather. University of Illinois, 1952. Vol.2

EPICTETO. *Disertaciones por Arriano*. Trad. Paloma Ortiz Garcia. Madri: Editorial Gredos, 1993.